

A cerâmica comum alto-imperial de cozedura redutora de Monte Molião (Lagos, Portugal)

La cerámica común altoimperial de cocción reductora de Monte Molião (Lagos, Portugal)

High-imperial reduced coarse ware from Monte Molião (Lagos, Portugal)

ÍRIS DIAS

Universidade de Lisboa - UNIARQ
iris.fcdias@gmail.com / ORCID: 0000-0002-4379-7983

CARLOS PEREIRA

Universidade de Lisboa - UNIARQ
carlos_samuel_pereira@hotmail.com / ORCID: 0000-0002-4116-3602

ANA MARGARIDA ARRUDA

Universidade de Lisboa - UNIARQ
a.m.arruda@letras.ulisboa.pt / ORCID: 0000-0002-7446-1104

Resumo: Apesar de as cerâmicas comuns romanas cozidas em ambiente redutor terem gozado de uma relativamente ampla distribuição durante a fase alto-imperial na área meridional do território peninsular, a sua adscrição a áreas de produção concretas não tem reunido consenso entre os investigadores que sobre elas se têm debruçado. A recolha de um importante conjunto de peças desta subcategoria cerâmica em Monte Molião (Lagos) justificou a realização de análises arqueométricas a dois grupos de fabrico identificados macroscopicamente, que atestaram origens distintas para estas produções de pastas cinzentas, uma das quais exógena.

Palavras-Chave: Algarve; Cerâmica de cozinha; Arqueometria.

Resumen: Aunque la cerámica común romana cocida en ambiente reductor ha tenido una distribución relativamente amplia durante la fase alto imperial en la zona sur del territorio peninsular, su relación con zonas de producción concretas no conlleva un consenso entre los investigadores. La recolección de un importante conjunto de piezas de esta subcategoría cerámica en Monte Molião (Lagos) ha justificado la realización de análisis arqueométricos de dos grupos de fabricación identificados macroscópicamente. Estos análisis se justifican ya que dichos grupos atestiguan diferentes orígenes para estas producciones de pastas grises, uno de los cuales es exógeno.

Palabras Clave: Algarve; Cerámica de cocina; Arqueometría.

Summary: Even though roman common ware fired in a reducing atmosphere enjoyed a relatively wide distribution during the High Imperial period in the southern area of the Iberian Peninsula, there has been no consensus among researchers regarding its specific productive areas. The gathering of an important set of this ceramic subcategory at Monte Molião (Lagos) justified the archaeometric analysis of two macroscopically identified groups of fabrication, which attested distinct origins for these dark clay productions, one of which is exogenous.

Key Words: Algarve, Cooking wares; Archaeometry.

1. INTRODUÇÃO

As várias campanhas de escavação desenvolvidas no sítio arqueológico de Monte Molião (Fig. 1) permitiram reunir um vasto conjunto de artefactos. Deste, destaca-se

a grande categoria de cerâmica comum de época romana, que ultrapassa os 13.000 NFR inventariados, provenientes de contextos datados entre os séculos II a .C. e II d. C. As produções da área meridional da Península Ibérica, não exclusivamente locais/regionais, são as que

se encontram mais bem representadas, tendo-se registado igualmente as do Sul da Gália (Pereira *et alii* 2019), as do Norte de África (Arruda e Pereira 2017) e as da Península Itálica (Sousa e Arruda 2014).¹

Entre as produções hispânicas, as cerâmicas de cozinha de cozedura redutora levantam ainda algumas questões relacionadas com a sua origem e com as composições litológicas, situação que contribuiu para a atribuição de distintas áreas de fabrico a diferentes conjuntos. Se parece certo que muitos correspondem a fabricos locais/regionais, tudo indica, contudo, que outros podem ter gozado de uma maior distribuição em termos geográficos, assumindo características tecno-morfológicas próprias dentro do grande grupo de cerâmicas de cozinha de cozedura redutora. Com efeito, a relação directa, em termos produtivos, entre este tipo de cerâmicas e os locais onde foram recolhidas é excessivamente limitadora, tendo vindo a ser contrariada em estudos recentes e em geografias concretas (Quevedo 2013a: 154-155).

Os estudos que têm sido concretizados (Reynolds 1993: 93-97; Viegas 2012; Huguet 2012; 2016: 534-537; Quevedo 2013a: 154-167) têm defendido o carácter intencional deste tipo de cozedura, parecendo também clara a selecção de pastas densas e pouco calcárias, situação que conferiu vantagens mecânicas a estes recipientes de resistência à exposição ao fogo, apesar da espessura relativamente reduzida das paredes (Madrid e Buxeda, 2008: 12; Quevedo 2013b: 1070).

Todavia, outros factores devem ter-se em consideração, nomeadamente os que insistem no facto de encobrirem eficazmente os efeitos da exposição ao fogo e, paralelamente, simularem a aparência da baixela metálica. Com efeito, alguns detalhes morfológicos podem ser sintoma desta situação, concretamente os pés destacados das panelas, idênticos aos das sítulas alto-imperiais.

A grande categoria de cerâmica comum romana integra várias subcategorias de diferentes grupos, geralmente associados a diferentes origens, podendo este ser um desses casos (Olcese 2003: 24-30; Quevedo 2013b), não sendo ainda claro se se trata de importações ou de produções locais/regionais. Por outro lado, pelo maior grau de utilização e, consequentemente, menor longevidade, e também pela facilidade de reprodução, a cerâmica comum corresponde aos serviços que estiveram mais expostos à reprodução nas várias *figlinae* do Império. Esta realidade gerou uma complexa evolução dos modelos originais, o que, com poucas excepções, não facilita rastrear a sua origem (Aguarod 2021). O presente trabalho pretende contribuir para colmatar esta

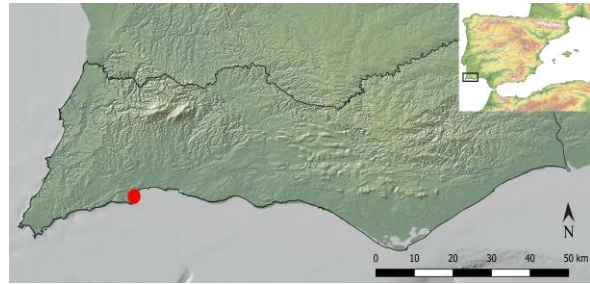


Figura 1. Localização de Monte Molião (Algarve, Lagos).

dificuldade no caso concreto do Algarve, apresentando-se os primeiros resultados analíticos efectuados a dois grupos de fabrico.

2. O CONJUNTO, AS FORMAS E A SUA DISPERSÃO

O conjunto da cerâmica comum de cozedura redutora de Monte Molião é muito vasto, integrando uma considerável variedade de formas e de pastas, o que consente a sua utilização para determinar a origem deste grupo de recipientes. Para esta determinação puderam contribuir análises químicas e arqueométricas, efectuadas sobre os principais grupos de fabrico definidos macroscopicamente². (Fig. 2)

O reportório morfológico deste grupo de recipientes (Figs. 2-3), que já foi reconhecido no território algarvio (Viegas 2012), integra essencialmente caçoilas de bordo escalonado, quer voltado para o exterior quer para o interior (Fig. 2.3-6; Fig. 3.9-14), caçoilas de bordo ovalado e espessado (Fig. 2.7-9; Fig. 3.6-8), tigelas de bordo exvasado em ângulo (Fig. 2.11-12; Fig. 3.15-16), potes/panelas de bordo exvertido com colo curto (Fig. 2.13-14), de bordo moldurado no exterior (Fig. 3.18-19) ou ainda de bordo escalonado (Fig. 2.15-16; Fig. 3.20). Tal como acontece para outras áreas da Península (Huguet 2012), alguns exibem perfis próprios do Sudoeste peninsular, o que permite rastrear a sua dispersão, tendo sido, até ao momento, definidas duas áreas de particular concentração: a depressão de Antequera e a área meridional de Algarve/Huelva/Sevilha. (Fig. 3)

A presença preponderante das caçoilas de bordo escalonado no Sudoeste não constitui actualmente uma novidade. Mercedes Vegas já havia mencionado que esta forma está presente em toda a Bética (1973: 45, tipo Vegas 14), com pastas cinzentas e com abundantes manchas de exposição ao fogo, área onde assumia ter sido produzida. Mais tarde, Encarnación Serrano registou a presença destas cerâmicas em vários sítios de Antequera-

¹ A totalidade do conjunto de cerâmica comum, incluído o grupo das cerâmicas de pasta redutora, encontra-se actualmente em estudo no âmbito da tese de doutoramento de um de nós (I.D.).

² Foram estabelecidos dois grandes grupos de fabrico para as cerâmicas de cozinha de cozedura redutora, ainda que em ambos se possam encontrar algumas variações de tonalidades.

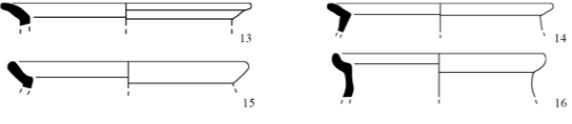
TAMPAS	
CAÇOILAS DE BORDO ESCALONADO	Formas Abertas 
	Formas Fechadas 
CAÇOILAS DE BORDO ESPESADO	
CAÇOILAS DE TENDÊNCIA FECHADA	
TIGELAS	
POTES/PANELAS	
TACHOS	

Figura 2. Tabela tipológica do Grupo de Fabrico 1.

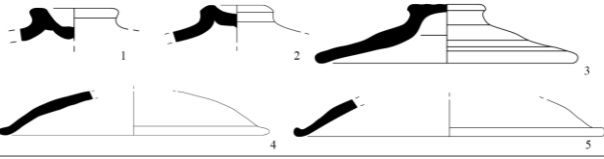
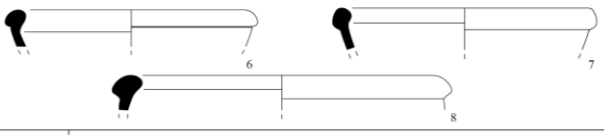
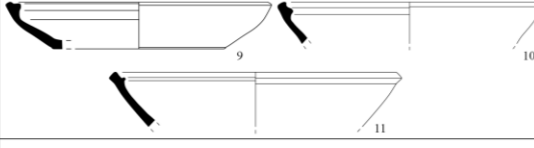
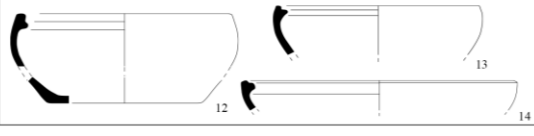
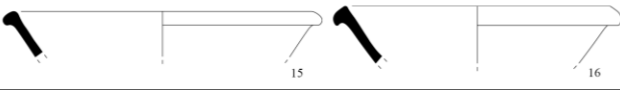
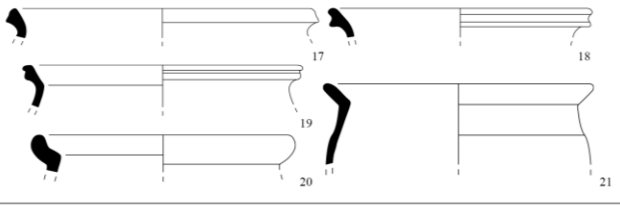
TAMPAS	
CAÇOILAS DE BORDO ESPESADO	
CAÇOILAS DE BORDO ESCALONADO	Formas Abertas 
	Formas Fechadas 
TIGELAS	
POTES/PANELAS	
TACHO	

Figura 3. Tabela tipológica do Grupo de Fabrico 2.

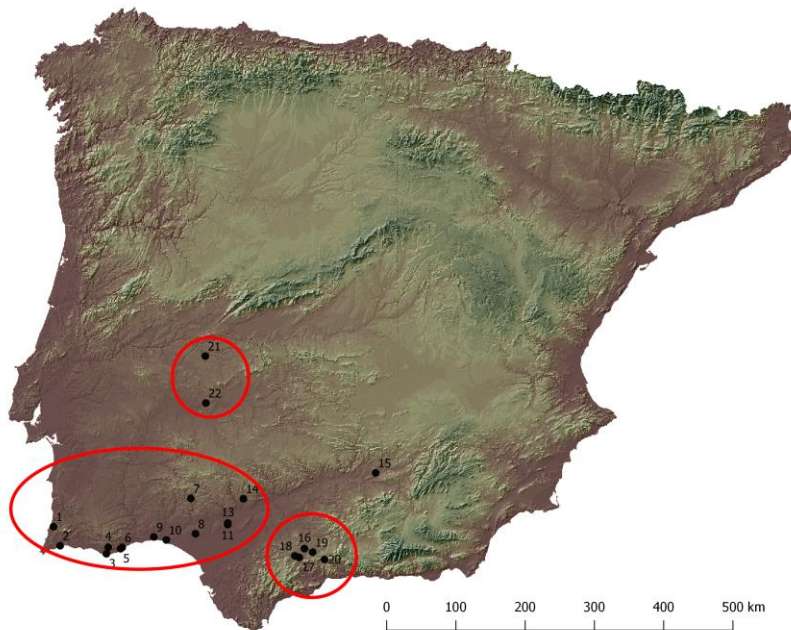


Figura 4. Mapa com a distribuição de sítios onde as formas de cerâmica de pasta redutora de Monte Molião foram identificadas.

1. Vidigal
2. Monte Molião
3. Faro
4. Milreu
5. Torre d'Ares
6. Pedras del Rei
7. Corta del Lago
8. Cerro del Trigo
9. Terró
10. Punta Úmbria
11. Patio de Banderas
12. La Encarnación
13. El Parlamento
14. Munigua
15. Cástulo
16. La Torquilla
17. Peñarubia
18. Teba
19. El Castellón
20. Arastipi
21. Cáceres el Viejo
22. Mérida.

ra (2000: 20, Fig. 10), descrevendo pastas que se assemelham às das peças de Monte Molião, referindo uma abundante presença nos centros de produção de Peñarubia, Teba e Cortijo del Castellón (Serrano 1995: 231).

Também em Mérida foram recuperados recipientes desta mesma forma com pastas idênticas, concretamente na intervenção realizada entre a rua Anas e a avenida Lusitania (Alba e Méndez 2005: 393-394, Fig. 19, n.º 9; Fig. 28, n.º 4; Fig. 30, n.º 2 e 4), não tendo, contudo, ficado claro se o forno aqui escavado teria sido utilizado na cozedura destas caçóilas de bordo escalonado, apesar de, mais tarde, ter sido sugerido que se tratava de uma produção local/regional (Bustamante 2012: 416, Fig. 6).

Três áreas distintas assumem-se, assim, como produtoras destes recipientes: a depressão de Antequera; a área meridional de Algarve/Huelva/Sevilha; e a capital da Lusitânia (Fig. 4), não podendo deixar de se sublinhar a sua maior abundância na área de Sevilha, estando a totalidade do reportório formal presente nos contextos do Patio de Banderas, sobretudo na fase 4, Imperio II, mas também algumas formas em La Encarnación e El Parlamento (Vázquez *et alii* 2018: 147, fig. 7.12), sítios onde se constatou a produção de cerâmica comum.

Atendendo a este panorama, e sem que se tenham realizado ainda análises suficientes para estes conjuntos mencionados, está ainda por esclarecer se, efectivamente, as três áreas produziram estas formas com pastas redutoras (adquirindo cada uma delas características tecno-petrográficas próprias), ou se alguns dos recipientes alcançaram consumidores relativamente afastados dos locais onde foram fabricados.

3. OS RESULTADOS

A variedade de propostas e a diversidade de fabricos, que alentava a possibilidade de algumas de estas pastas terem uma origem exterior ao Algarve, podendo outras corresponder a produções locais/regionais, estimulou a realização de análises laboratoriais para o conjunto de Monte Molião (petrográficas; difracção de raios-X; espectrometria de massa).

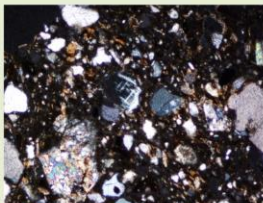
Foram submetidos a análises os dois grandes grupos de fabrico apresentando as seguintes características³:

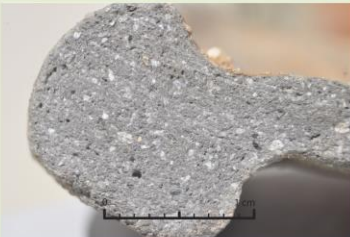
Grupo 1. Correspondente a argilas de tonalidades cinzento-azuladas ou cinzento-escuras (variam entre 6/5B e 6/10G) bem depuradas, sólidas e bastante duras, homogêneas e de granulometria mediana. Os elementos desengordurantes apresentam uma distribuição de 33 % com predominio do quartzo e quartzo metamórfico. (Fig. 5)

Grupo 2. Correspondente a argilas acastanhadas (7.5YR 5/4 e 5/8) medianamente depuradas, densas e sólidas, de granulometria média homogênea (Fig. 5). As inclusões são menos abundantes do que as do grupo anterior, 22 %, e são predominantes os quartzos e as moscovites.

³ Análises realizadas no laboratório de Servicios Técnicos de Investigación da Universidade de Alicante, através de observação em lupa binocular (ZEISS Discovery V8 a 10–80 aumentos), lâmina delgada (observada em microscópio Olympus BX41TF de luz polarizada e fotografada com Olympus DP71 acoplada), difracção por raios X (Difractómetro Bruker D8 Advanved) e espectrometria de emissão por plasma de acoplamento indutivo (Perkin Elmer 4300 de visão axial e radial). Agradecemos ao doutor Romualdo Seva Román a ajuda e a realização do relatório de resultados.

Nº REFERENCIA MUESTRA	Grupo 1	Nº REFERENCIA MUESTRA	Grupo 2
ANÁLISIS POR MICROSCOPIO		ANÁLISIS POR MICROSCOPIO	
Porcentaje de desgrasante en la matriz según Soft Imaging System	33 %	Porcentaje de desgrasante en la matriz según Soft Imaging System	22 %
Mineralogía		Mineralogía	
Minerales mayoritarios	Cuarzo, cuarzo metamórfico	Minerales mayoritarios	Cuarzo, cuarzo metamórfico, moscovita
Minerales minoritarios	Microclina, biotita, moscovita, opacos, chamota, titanita, sanidina, labradorita	Minerales minoritarios	Opacos (hematite), oligoclasa, enstatita, biotita, microclina, sanidina, cuarcita, carbonatos alterados por la temperatura, betownita (plagioclasa).
Microfósiles		Microfósiles	
Origen geológico	Metamórfico – (Lindes ígneas).	Origen geológico	Metamórfico – ígneo – sedimentario.
Observaciones	Cristales grandes de biotita. Engobe externo.	Observaciones	





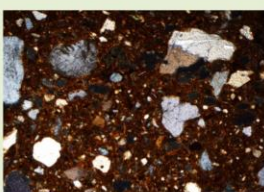
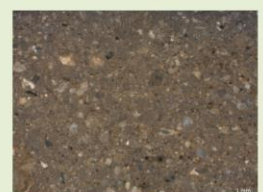




Figura 5. Resultados das análises arqueométricas.

Apesar das diferenças, ambos grupos foram submetidos a cozeduras redutoras, alcançando o segundo temperaturas que variam entre os 800 e 900° C, enquanto o primeiro não excedeu a temperatura máxima de 800° C.

As análises realizadas às amostras de cerâmica de cozinha de pasta redutora comprovam a variedade de fabricos e a sua eventual relação com diferentes áreas de produção. Os dois grupos analisados indicam duas origens geológicas distintas (Grupo 1: Metamórfico - Ígneo; Grupo 2: Metamórfico - Ígneo - Sedimentário), podendo apenas o Grupo 2 ser considerado de provável produção local/regional.

Para as amostras do Grupo 1 é mais difícil determinar uma origem, sendo certo, por ora, que se trata de uma produção exógena. Atendendo às características ígneas, poder-se-ia assumir que possa corresponder à área da Extremadura espanhola (*vid.* Estévez 1997). Todavia, até ao momento, unicamente foi aí registada a presença da caçoila de bordo escalonado (Bustamente 2012), situação que não abonda a favor de uma eventual origem na capital da província.

Pelo contrário, se tivermos em consideração a presença de maior variedade de formas cerâmicas representadas, como, aliás, acontece em Monte Molíão, a área de Sevilha assumir-se-ia como o ponto provável de fabrico destes recipientes. Ainda que também em Mérida aquela forma se encontre associada a contextos de produção, o mesmo foi registado nas intervenções de Sevilha.

3. REFLEXÕES

Antes de se esboçarem algumas considerações preliminares sobre esta subcategoria de cerâmica comum, particularmente vocacionada para a confecção, importa sublinhar alguns temas que nos parecem relevantes. Como é frequente nos estudos ceramológicos, os investigadores tendem a buscar a origem (ou origens) dos conjuntos em estudo, não sendo a cerâmica comum uma excepção, apesar de, neste caso, as dificuldades serem maiores do que para as cerâmicas ditas finas ou de mesa (campaniense, *terra sigillata*, paredes finas).

Infelizmente, o estado actual da investigação sobre a cerâmica de cozedura redutora do Sudoeste está ainda numa fase incipiente, havendo diferentes áreas regionais em que ela é produzida, parecendo importante recordar que os seus protótipos podem ser exteriores à Península Ibérica⁴.

A complicar este quadro está o facto de que esta subcategoria cerâmica surgir em todos os âmbitos geográficos e em várias cronologias -na Itália (Olcese 2003), na Gália (Goudineau e Gras 1978; Long *et alii* 2009), na Aquitânia (Santrot e Santrot 1979), na Hispânia (Viegas 2012; Huguet 2012; 2016; Quevedo 2013a;

⁴ Já mencionamos o caso de algumas formas itálicas, p.e. as *patinae* e os *mortaria*, que não só foram importadas como também se emularam nos centros de produção hispânicos, inclusive gerando formas tardias e evolucionadas daqueles perfis.

2013b), no Norte de África (Bonifay 2004)-, o que seguramente foi estimulado por questões pragmáticas e estilísticas comuns a todas as comunidades do Império.

Apesar disso, estas cerâmicas comuns concentram-se particularmente no Sul da Península Ibérica e apenas na região do Algarve e de Sevilha se documentou a totalidade do reportório morfológico, o que poderia sugerir tratar-se das principais áreas produtoras. Todavia, deve ter-se em consideração que a definição geográfica e geológica destes recipientes carece ainda de maior pormenor, o que obriga a alguma cautela na interpretação dos dados apresentados. Seguramente que, com a evolução do estudo destes materiais, iremos compondo o mapa de dispersão com maior detalhe, da mesma forma que iremos definindo eventuais áreas produtoras e respectivas pastas a elas associáveis.

Não parece improvável que o Sudoeste peninsular tenha experimentado uma realidade idêntica à que foi constatada no Levante peninsular, área para a qual se propôs a existência de uma produção especializada e intencionada de “cerâmicas redutoras de cozinha” (Huguet 2012: 469-475; Quevedo 2013a: 158-159), com maior incidência na área de *Valentia/Edeta/Saguntum*, muito distintas, porém, dos aqui apresentados, como os dados arqueométricos e morfológicos comprovam, apesar da cronologia da produção de ambas ser compatível dinastia dos Flávios - século III (Viegas 2012: 695; Quevedo 2013a: 165), mesmo que para o Algarve ainda necessitemos de mais dados estratigráficos que a corroborem.

Lembre-se, a propósito, que em Cartagena a produção destas cerâmicas pode ter sido anterior, facto apoiado pelos contextos funerários da cidade (Ramallo 1989: 123; Rosser 1990-91: 86-87) e também por formas específicas registadas em contextos antigos (Pérez *et alii* 1995: 191-192; Quevedo 2013b: 1078).

Também no caso algarvio que nos ocupa temos evidências contextuais de que este terá sido um fenómeno anterior ao que já foi sugerido, uma vez que estas formas foram documentadas em contextos que datámos entre os reinados de Tibério e de Cláudio (Pereira *et alii* 2021: 306). A sua ausência nos níveis mais antigos de utilização da cisterna do povoado, com uma cronologia entre o principado de Augusto e Calígula (Gomes *et alii* 2019: 271), pode explicar-se com a função destes recipientes, destinados à confecção de alimentos, e não aptos para a captação, transporte e consumo de água.

As primeiras análises laboratoriais obtidas para dois grupos de fabrico distintos do conjunto da cerâmica comum de Monte Molião constituem-se como um ponto de partida para uma definição, mais clara, acerca da produção e consumo destas cerâmicas, tema a que se dará continuidade na dissertação de doutoramento que

está em curso por um de nós (I.D). Estabelecer, com mais precisão, a origem de um grupo concreto de vasos utilizados na cozinha trará importantes dados para discutir a circulação de bens manufacturados entre territórios geograficamente diversos e, assim, definir de forma mais sustentada, as redes de distribuição de produtos, cuja produção poderia ser, facilmente, assegurada localmente.

Bibliografia

- Aguarod Ota, C. 2021: “Cerámicas itálicas importadas de uso común. Entre la utilidad y el Prestigio”, en C. Fernández Ochoa, C. Heras, A. Morillo, M. Zarzalejos, C. Fernández y M. Pina (eds.): *De la costa al interior: Las cerámicas de importación en Hispania*, V Congreso Internacional de la SECAH (Alcalá, 6, 7 y 8 de noviembre de 2019), Vol. 1, Madrid, 321-351.
- Alba Calzado, M. y Méndez Grande, G. 2005: “Evidencias de industria paleolítica y de un alfar altoimperial en *Augusta Emerita*. Intervención arqueológica realizada en el solar de esquina entre la prolongación de la calle Anas y el final de la avenida de Lusitania”, *Mérida, excavaciones arqueológicas* 8, 375-409.
- Arruda, A. M. e Pereira, A. 2017: “A cerâmica de cozinha Africana de Monte Molião (Lagos, Portugal) e o seu enquadramento regional”, *Onoba* 5, 21-43.
- Bonifay, M. 2004: *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, BAR International Series 1301, Oxford.
- Bustamante Álvarez, M. 2012: “Las cerámicas comunes altoimperiales de *Augusta Emerita*”, en D. Bernal Casasola; A. Ribera i Lacomba. (coords.): *Cerámicas hispanorromanas II. Producciones regionales*, Cádiz, 407-433.
- Estévez Morales, J. A. 1997: “Caracterización de cerámicas comunes romanas de Extremadura”, *Caesaraugusta* 73, 67-76.
- Goudineau, C. et Gras, R. 1978: “La céramique grise gallo-romaine. Note complémentaire”, *Revue Archéologique de Narbonnaise* 11, 195-212.
- Gomes, F., Pereira, C. e Arruda, A. M. 2019: “A cisterna de Monte Molião (Lagos, Portugal)”, *Spal* 28.2, 235-278.
- Huguet Enguita, E. 2012: “Cerámica regional reductora de cocina alto-imperial de la fachada mediterránea”, en D. Bernal Casasola; A. Ribera i Lacomba. (coords.): *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*, Cádiz, 435-452.
- Huguet Enguita, E. 2016: *La ceràmica comuna de la ciutat romana de Valentia (segles II aE-III dE)*. Tesis doctoral. Universitat de València.
<http://hdl.handle.net/10550/56163>
- Long, L., Piton, J. et Djaoui, D. 2009: “Les céramiques communes des gisements du Rhône à Arles. Le faciès portuaire d'époque impériale”, en M. Pasqualini (dir.): *Les céramiques communes antiques d'Italie et de Narbonnaise. Structures de production, typologies et contextes inédits, IIe s. av. J.-C. IIIe s. ap. J.-C.*, Naples, 569-614.
- Madrid, M. y Buxeda, J. 2008: *Estudi de caracterització arqueomètrica de les ceràmiques de cuina altoimperials dels jaciments de les ciutats romanes de Valentia y Saguntum*, Barcelona.
- Olcese, G. 2003: *Ceramiche comuni a Roma e in area romana: Produzione, circolazione e tecnologia (tarda età repubblicana - prima età imperiale)*, Documenti di Archeologia 28, Mantova.

- Pereira, C., Arruda, A. M. e Ribeiro, S. 2019: "A cerâmica caulínica de Monte Molíão (Lagos, Portugal)", *Conimbriga* 58, 127-148.
- Pereira, C., Sousa, E., Dias, I., Agosto, F. e Arruda, A. M. 2021: "As importações alto-imperiais de Monte Molíão (Lagos, Portugal) através de contextos domésticos seleccionados", en C. Fernández Ochoa, C. Heras, A. Morillo, M. Zarzalejos, C. Fernández y M. Pina (eds.): *De la costa al interior: Las cerámicas de importación en Hispania*, V Congreso Internacional de la SECAH (Alcalá, 6-8 de noviembre de 2019), Madrid, 295-308.
- Pérez Ballester, J., Borredá Mejías, R. e Cebrián Fernández, R. 1995: "La cerámica de cocina del siglo I d.C. en Carthago Nova y sus precedentes republicanos", en J. Aquilué y M. Roca (eds.): *Cerámica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*, Monografies Emporitanes VIII, Ampurias, 187-199.
- Quevedo Sánchez, A. 2013a: *Contextos cerámicos y transformaciones urbanas en Carthago Nova: de Marco Aurelio a Diocleciano*. Tesis de doctorado, Universidad de Murcia. <http://hdl.handle.net/10201/30289>
- Quevedo Sánchez, A. 2013b: "La cerámica reductora de cocina de Carthago Nova (Cartagena, España). S. I-III d.C.", en L. Girón; M. Lazarich; M. C. Lopes (coords.): *Actas del I Congreso Internacional de Estudios Cerámicos*. Homenaje a Mercedes Vegas, Cádiz, 1065-1100.
- Ramallo Asensio, S. 1989: *La ciudad romana de Carthago Nova. la documentación arqueológica*, Murcia.
- Reynolds, P. 1993: *Settlement and Pottery in the Vinalopó Valley (Alicante, Spain) A.D. 400-700*, Oxford.
- Rosser Limiñana, P. 1990-91: "La necrópolis romana alto-imperial del "Parque de las Naciones" (Albufereta, Alicante): estudio de algunos de sus materiales", *Lucentum* 9-19, 85-101.
- Santrot, M.-H.; Santrot, J. 1979: *Céramiques communes Gallo-Romaines d'Aquitaine*, París.
- Serrano Ramos, E. 1995: "Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética", en X. Aquilué y M. Roca (coords.): *Cerámica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*, Girona, 228-249.
- Serrano Ramos, E. 2000: *Cerámica común romana: siglos II a.C. al VII d.C. Materiales importados y de producción local en el territorio malacitano*, Málaga.
- Sousa, E. e Arruda, A. M. 2014: "A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molíão (Lagos)", *Onoba* 2, 55-91.
- Vázquez Paz, J. García Vargas, E. Maestre Borge, C. y Arnold, E. 2018: "Contextos cerámicos de Hispalis c. 50 a.C. al 225 d.C. Excavaciones arqueológicas en el Patio de Banderas del Real Alcázar de Sevilla (2012-2014)", en P. Ruiz; M.ª V. Peinado y M.ª Fernández (eds.): *Estudios para la configuración de las facies cerámicas alto-imperiales en el Sur de la Península Ibérica*, Oxford, 129-155.
- Vegas, M. 1973: *La cerámica común romana del Mediterráneo Occidental*, Barcelona.
- Viegas, C. 2012: "A cerâmica cinzenta grosseira do Algarve", en D. Bernal y A. Ribera (coords.): *Cerámicas hispano-romanas II. Producciones regionales*, Cádiz, 681-697.